

# Editorial

Em comemoração ao número 70, Percurso segue na trilha das dimensões ético-políticas da prática psicanalítica contemporânea, com destaque para a clínica decorrente da luta antirracista, atenta às questões da negritude e da branquitude. Esse é um caminho aberto, a continuar, sintonizado com as diferentes experiências e desafios de uma clínica ancorada na psicanálise, que se inventa e reinventa e por isso segue viva.

Em um dos artigos, analisanda negra e analista branca deparam-se com objetos internos racistas e enfrentam suas vicissitudes num texto traduzido do alemão, no qual se estabelecem finas articulações conceituais entre os determinantes sociais e os aspectos intrapsíquicos conflitantes que são colocados em trabalho na situação analítica, com destaque à sua atualização na transferência e contratransferência.

Em continuidade, questões candentes sobre o racismo em famílias inter-raciais são tematizadas no texto “As marcas do racismo nas famílias e nos grupos”, que mostra o papel obturante da ideologia racista, transmitida pelas gerações através de alianças inconscientes. Destaca-se a clínica do vínculo e consequentes questões para escuta psicanalítica.

Além do tema do racismo, esse número da revista trata de questões atuais sobre gênero, como no artigo “Família, adolescência e trans-identidade”, escrito a seis mãos, abordando as implicações angustiantes na vida familiar de três situações clínicas intensas e envolventes que despertam questões tão necessárias ao debate e à clínica que praticamos.

Em diálogo com o número anterior, seguimos com artigos que investigam as diversas faces da ilusão, tema essencial à psicanálise e que demanda trabalho em face das contingências históricas que

nos atravessam: momento político, impacto da pandemia e novas tecnologias. Contamos, assim, com a resignificação de concepções tais como as da mentira na infância - como compreender? -, em diálogo com texto de Radmila Zygouris, da Percurso 69, e, sob a alcunha de um “quarto golpe narcísico”, temos uma abordagem da relação entre verdade-mentira-pós verdade e suas ligações com as formas de subjetivação na atualidade. As fronteiras entre verdade e ficção e as questões sobre autoria diante das novas tecnologias tendem a trazer mais complexidade a essas questões. Há enorme diferença entre pensar ou repetir as imposições ideológicas da máquina construtora de crenças que produz clivagem e ideias persecutórias, como bem demonstrado no artigo sobre as marcas do racismo nas famílias e grupos.

Atestando a potência da psicanálise em diferentes âmbitos, acompanhamos também uma experiência de escuta psicanalítica em saúde pública nos países da África lusófona, onde o reconhecimento do estrangeiro favorece o surgimento de possibilidades de diálogo.

A seção *Debates Clínicos*, dando curso à sua política de juntar analistas de linhas teóricas e associações diferentes, traz dessa vez membros da Appoa, de Porto Alegre, do departamento de Psicanálise do Sedes e da SBPSP. Trata-se de um caso centrado numa ideia delirante que se instalara poucos meses antes de a paciente procurar ajuda e nas várias manobras que o analista desenvolveu para lidar com a difícil situação.

Por sua vez, *Debates* reúne diversos psicanalistas em torno do tema Masculinidade. Intrinsecamente cultural, com as lutas das mulheres e o avanço do neoliberalismo, o texto destaca, entre outros aspectos, a violência que alguns homens encontram como saída para lidar com suas fraturas.

*Leituras* conta com cinco resenhas que apesar de abarcarem temas variados trazem um fio comum de novas proposições sejam elas teóricas ou clínicas; novos modos de pensar e de refletir sobre o saber e o fazer psicanalítico.

Nesse número trazemos pela primeira vez um *Depoimento*. Lucía Fuks, entrevistada por um grupo de alunos, conta sobre sua vida na Argentina desde os primórdios até o período de recrudescimento da Ditadura, quando precisou sair do país. Conta de sua chegada em São Paulo e da trajetória familiar e profissional que se seguiu.

Nesse tempo em que nossos países, diante do novo recrudescimento do fascismo, lutam pela manutenção e alargamento de conquistas democráticas, a delicadeza de seu depoimento ganha tons bastante vivos.

A comemoração deste número 70 segue com *Entrevistas*, que traz Renato Mezan, que também é diretor editorial da Percurso, contando sobre sua formação, seu contato com tantos psicanalistas dos dois lados do Atlântico, sua trajetória na Universidade, questões atuais a partir de todos esses encontros, considerações sobre temas contemporâneos e um histórico muito afetivo de sua entrada no Sedes, passando pelo início do Curso, depois pelo início do Departamento e toda uma retomada desses 35 anos da revista Percurso, desde os desafios dos primeiros números à vitalidade com a qual chegamos nesse momento.

Em tempo: Esse editorial acabou de ser escrito no sábado dia 26 de setembro, mesmo dia do *Debate* dos números 68 e 69. Ao final, quando já quase todos saíam, e com a alegria de mais esse encontro cheio de vida, pensávamos em uma data para o do número 70 – 35 anos da revista –, quando Renato indaga: “Vamos ver onde tudo isso vai dar. Pontalis levou a *Nouvelle Revue* até número 50. Já temos uma vez e meia a *Nouvelle Revue*. “E qual o seu palpite para *Percurso*, Renato? A propósito dos aniversários, há os que, ao parabenizar, dizem: até os 120. Quem sabe chegamos até lá. Outros chegam, levam adiante e aí começa tudo de novo; Percurso 1, 2 e assim por diante!”

Boa leitura!